

Entre o rito e a arquitetura: Lina Bo Bardi e o Barracão do Ilê Asé Oyá

Clara Gurgel do Amaral Passos (PIC/CNPq/FA/UEM), Andre Augusto de Almeida Alves (Orientador) André Felipe Batistella Souza (Coorientador) E-mail: ra120291@uem.br, aaaalves@uem.br e afbsouza@uem.br

Universidade Estadual de Maringá, Centro de Arquitetura e Urbanismo, Maringá, PR.

Arquitetura e Urbanismo- História da Arquitetura e Urbanismo

Palavras-chave: Lina Bo Bardi; Barracão do Ilê Asé Oyá; cultura afro-brasileira;

RESUMO

A pesquisa conta com relatos orais e registros fotográficos feitos “in loco” para explorar a delicadeza que Lina Bo Bardi pensa o espaço de culto no projeto do barracão do Ilê Asé Oyá, uma obra pouco explorada no meio acadêmico. À partir da análise do projeto, percebe-se, por meio de um “design de ancestralidade”, a priorização do simbolismo, da expressão cultural afro-brasileira e da escuta aos pedidos da Mãe de Santo deste terreiro.

INTRODUÇÃO

Lina Bo Bardi (1914-1992), arquiteta ítalo-brasileira, retorna à Bahia no final da década de 1980 em um movimento que pode ser compreendido como uma tentativa de ressignificação de sua própria trajetória. Esse retorno foi marcado pela necessidade de elaborar a ruptura abrupta vivida entre 1958 e 1964, período interrompido pelo Golpe Militar, que instaurou um ambiente político hostil e promoveu forte repressão às iniciativas artísticas e educativas. À época, o Museu de Arte Moderna da Bahia (MAM-BA) sofreu perseguições, sua equipe foi dispersa e Lina afastada da direção, o que a levou a regressar a São Paulo, carregando uma sensação de frustração.

Somente por meio da articulação de Marcelo Ferraz e Roberto Pinho, que elaboraram uma proposta considerada irrecusável, Lina foi convencida a retomar o vínculo com a Bahia. Esse reencontro com o espaço e com a comunidade baiana foi atravessado por um aprofundamento de sua relação com a ancestralidade afro-brasileira. Embora essa dimensão já estivesse presente em sua atuação anterior — como no restauro do conjunto arquitetônico do Solar do Unhão e na criação do próprio MAM-BA —, agora se apresentava de forma mais madura. Sua prática transcendia os limites formais da arquitetura, adquirindo caráter ritualístico, simbólico e curatorial.

Nesse contexto, emergem projetos como o barracão do terreiro Ilê Asé Oyá, obra diretamente ligada à sua aproximação com a cultura afro-brasileira e contemporânea à reestruturação da Casa do Benin. Trata-se de um momento de intensa produção na Bahia, no qual Lina se engajou em iniciativas comprometidas

com práticas comunitárias, espirituais e de escuta sensível. As publicações sobre essa obra são escassas, o que dificulta a atribuição precisa de autoria e obriga a recorrer a relatos orais, desenhos técnicos e registros visuais obtidos durante visitas ao sítio.

Segundo depoimentos, o projeto do terreiro teria sido uma doação de Lina à Ialorixá Mãe Santinha de Oyá, intermediada por Marcelo Suzuki e pelo artista plástico Alberto Pitta. Pensado como um presente, o gesto assume uma dimensão de oferta carregada de significados vinculados à reciprocidade e ao pertencimento. O envolvimento de Lina com o terreiro não foi religioso, mas profundamente simbólico, resultando em uma obra arquitetônica que ultrapassa o campo estético para mergulhar nas múltiplas raízes da cultura brasileira.

MATERIAIS E MÉTODOS

O estudo fundamenta-se na combinação de levantamento arquitetônico, representação técnica e análise documental, de modo a construir uma leitura mais precisa sobre o projeto do barracão do Ilê Asé Oyá. Em novembro de 2024, foi realizado um levantamento *in loco* que permitiu observar diretamente a materialidade, a espacialidade e os elementos construtivos da obra. A partir desses dados, foram elaborados desenhos técnicos no *software* AutoCAD, recurso que possibilita a sistematização gráfica do espaço e a tradução das observações empíricas em plantas, cortes e elevações com maior acurácia. A opção pela representação técnica busca superar a ausência de registros oficiais e fornecer um suporte analítico capaz de evidenciar proporções, articulações e soluções arquitetônicas que não seriam plenamente compreendidas apenas por descrições textuais ou registros fotográficos.

Paralelamente ao trabalho gráfico, foram mobilizadas fontes orais que reforçam a atribuição da autoria do projeto a Lina Bo Bardi. Nesse sentido, destaca-se a entrevista concedida por Alberto Pitta ao jornal *El País* em 2021, bem como o depoimento da fotógrafa Arlete Soares em entrevista ao coordenador desta pesquisa em 2024. Ambas as narrativas corroboram a participação de Lina, situando o barracão em um contexto de práticas comunitárias e simbólicas que caracterizam sua atuação na Bahia. A integração entre os levantamentos técnicos e as fontes orais oferece, assim, uma triangulação metodológica que não apenas assegura a confiabilidade dos dados, mas também articula dimensões objetivas e subjetivas da obra, permitindo analisá-la em sua complexidade arquitetônica, cultural e histórica.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Segundo relatos orais, a proposta inicial de Bardi para o barracão idealizava uma planta ovalada e cobertura de palha, referência simbólica às habitações tradicionais do Benin. Essa forma construtiva teria um simbolismo, proteção e ancestralidade, seguindo a lógica espacial dos terreiros de candomblé, onde a circulação do axé organiza o espaço. Porém, à pedidos de Mãe Santinha, a forma virou quadrada e o material foi alterado. Assim, a cobertura, do tipo quatro águas e

beirais que se projetam para além da fachada, acabou sendo executada de telha metálica, pelo risco de incêndios.

A estrutura do barracão é marcada por uma sequência modular de pilares, de tubos de PVC preenchidos com concreto, proporcionando um ritmo contínuo. Em uma planta quadrada, paredes suavemente onduladas, definem os limites do espaço cerimonial. Ademais, o acesso principal rompe a regularidade da obra com um vão mais amplo, que não possui portas nem barreiras físicas. Há uma passagem cerimonial, que guia o fluxo diretamente ao centro do espaço, e uma secundária lateral. Estas promovem porosidade à obra e conexão harmoniosa ao entorno.

A arquiteta teria pensado o terreiro não apenas como um abrigo, mas como uma expressão do axé. Considerando que o espaço de culto não deveria ser apenas funcional, mas também, concentrar forças e espiritualidade. Uma forma de projetar que se põe a serviço da ancestralidade, transformando o chão em chão sagrado. Aliás, foi uma demonstração de absoluto respeito que teve ao escutar os pedidos de Mãe Santinha, Lina não desenhou para o terreiro, mas com ele. O barracão, como um templo do axé, materializa o que Darcy Ribeiro chamou de "as formas próprias de ser e estar no mundo". É um verdadeiro design de ancestralidade, onde o rito e a memória se tornam parte da própria arquitetura.

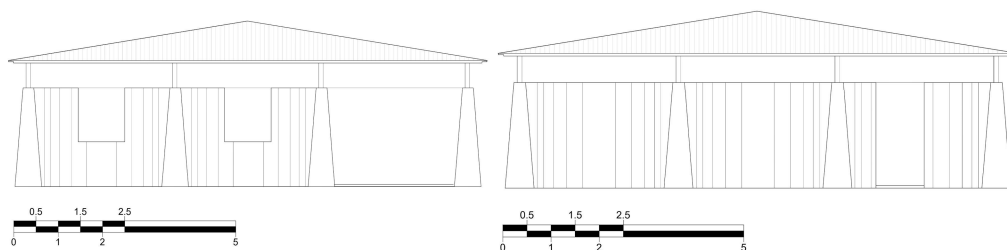


Figura 1 e 2 – Vistas 01 e 04 do barracão do terreiro Ilê Asé Oyá.

Fonte: A autora (2024).

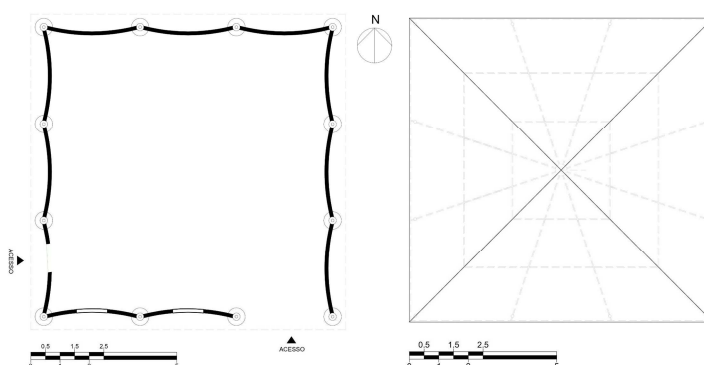


Figura 3 e 4 – Planta Térrea e planta Cobertura do barracão do terreiro Ilê Asé Oyá.

Fonte: A autora (2024).

CONCLUSÕES

Por fim, permanecem dúvidas se as alterações projetuais teriam sido feitas pela arquiteta ou pelo envolvidos na construção. Percebemos que a cobertura metálica não é original, porém não sabemos quais as alterações foram feitas ao longo do tempo, por falta de registros.

Todavia, a autoria de Lina Bo no projeto do barracão é inferida apenas pelo depoimento de Alberto Pitta e por similaridades formais ao restaurante da Casa do Benin. Assim, levanta-se a discussão sobre a dificuldade de afirmação e autoria de arquitetos às obras pela falta de registros. Por isso, a continuação deste estudo buscará relatos de pessoas da comunidade, que participaram da construção e que eram do círculo da arquiteta neste período.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus orientadores, Prof. Dr. André Alves e ao Prof. Dr. André Batistella, por todo apoio e dedicação ao longo do desenvolvimento deste trabalho. E manifesto, também, meu reconhecimento à Fundação Araucária pelo suporte financeiro, que possibilitou a realização desta pesquisa.

REFERÊNCIAS

1. LIMA, Zeuler R. **Lina Bo Bardi**: O que eu queria era ter história. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.
2. MAUSS, Marcel. **Sociologia e antropologia**. 2. ed. São Paulo: Cosac & Naify, 2015.
3. OLIVEIRA, Joana. **Quando Lina Bo Bardi chegou a um terreiro de candomblé em Salvador**. 15 jun. 2021. El País. Disponível em: <[https://brasil.elpais.com/cultura/2021-06-15/quando-lina-bo-bardi-chegou-a-um-terreiro-de-candomble-em-salvador.html#:~:text=Lina%20Bo%20Bardi%20chegou%20em,se%20no%20Teatro%20Castro%20Alves\).](https://brasil.elpais.com/cultura/2021-06-15/quando-lina-bo-bardi-chegou-a-um-terreiro-de-candomble-em-salvador.html#:~:text=Lina%20Bo%20Bardi%20chegou%20em,se%20no%20Teatro%20Castro%20Alves).>)>. Acesso em: 24 mar. 2024.
4. PERROTTA-BOSCH, Francesco. **Lina**: Uma biografia. São Paulo: Todavia, 2021.
5. VERGER, Pierre. **Fluxo e Refluxo**: Do tráfico de escravos entre o golfo do Benim e a Bahia de Todos-os-Santos, do século XVII ao XIX. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.